

# Escravidão urbana como cenário?

## Um exame crítico sobre a historiografia da escravidão urbana no Rio de Janeiro e Havana

500



**Ynaê Lopes dos Santos**

Fundação Getúlio Vargas

Bertoleza foi uma das muitas heroínas da literatura brasileira, cuja trajetória angustiou o peito de diversos leitores. Sua condição de mulher, negra e escrava já seria o suficiente para tanto. Mas, se isso não bastasse, Aluísio de Azevedo lhe reservou um desfecho que de tão infeliz, beirava à realidade (AZEVEDO, 1890).

A crioula Bertoleza era residente do Rio de Janeiro no final do século XIX, e desfrutava da maior autonomia de trânsito experimentada pelos escravos urbanos, morando longe do olhar senhorial. A

personagem era escrava de um senhor que morava em Juiz de Fora – na província de Minas Gerais – e deveria lhe pagar o jornal mensal de vinte mil-réis por mês.

Como tantas outras escravas e forras negras, Bertoleza ganhava a vida com sua quitanda. Vendia angu, peixe-frito e isca de fígado para os moradores e transeuntes de Botafogo. Embora seu senhor “lhe comece a pele do corpo” ao obrigá-la a entregar tão alta quantia todos os meses, antes dos quarenta anos, a escrava quitandeira já havia guardado o montante necessário para comprar sua alforria. Com medo de um possível roubo, Bertoleza deixou seu pecúlio sob os cuidados de seu vizinho, o taverneiro português João Romão, que em pouco tempo tratou de se amasiar com a cativa.

Foi a partir dessa “amizade” que a vida de Bertoleza ganhou contornos ainda mais cruéis. O espertalhão e avarento João Romão fingiu ter comprado a Carta de Alforria de Bertoleza e usou o pecúlio da escrava para investir no seu grande sonho: a construção de um cortiço. O embusteiro João Romão não tinha limites. Além de enganar a cativa, o taverneiro português passou a fazer dinheiro com o trabalho árduo da quitandeira, que durante o dia ralava na taverna do português, e à noite ainda saía às ruas a vender peixes e angu.

João Romão literalmente usou e abusou da relação mambembe que estabelecera com Bertoleza, e no momento em que a escrava tornou-se um empecilho aos seus negócios, o comerciante português tratou de avisar aos antigos senhores onde estava a escrava supostamente foragida. Ao descobrir toda a farsa, Bertoleza resistiu da maneira que lhe parecia mais eficiente: tirando sua própria vida.

Bertoleza não foi a única personagem a viver as vicissitudes de uma sociedade escravista. Oito anos antes do Aluizio de Azevedo publicar *O Cortiço*, Cirilo Villaverde publicava (em versão ampliada) *Cecilia Valdés. Novela de Costumbres Cubanos* (VILLAVERDE, 1995). Esse romance, ambientado em Havana na primeira metade do século XIX, conta a história da mulata Cecília, filha ilegítima de Candido Gamboa, um poderoso traficante de escravos de Cuba. Criada sem saber de sua verdadeira origem, Cecília se apaixona pelo seu irmão, Leonardo Gamboa que, sem saber do parentesco com sua amada, resolve abandoná-la para se casar com uma mulher da alta-sociedade

cubana. Cega de ódio, Cecília jura vingança e consegue convencer José Dolores Pimenta a assassinar seu ex-amante. O plano é executado, mas seus autores são descobertos: José Dolores condenado à sentença de morte e Cecília é presa como cúmplice.

Ainda que tenham feito uso das sedutoras ferramentas da literatura, não restam dúvidas que a obra *O Cortiço*, do maranhense Aluísio de Azevedo, e *Cecilia Valdés* do cubano Cirilo Villaverde também guardam um pouco de etnografia urbana. Embora repleta de violências físicas, psicológicas e morais, a vida dos cativos urbanos nem sempre teve um fim tão desgraçado como nos folhetins novelescos dos oitocentos. Todavia, como homens que conviveram com a escravidão, Aluísio de Azevedo e Villaverde trouxeram para sua obra ficcional elementos da realidade observada.

A escolha por duas protagonistas negras e ligadas diretamente à escravidão reflete parte do universo experimentado por esses dois autores ao longo do século XIX. Moradores das duas maiores cidades escravistas das Américas, as tessituras criadas por Aluísio de Azevedo e Cirilo Villaverde revelaram diferentes aspectos da trama da escravidão urbana. Um deles é justamente a figura do escravo urbano, que existia aos milhares não só na capital do Império do Brasil, mas também em Havana e outras cidades americanas. Num contexto marcadamente escravista como o cubano (até 1886) e brasileiro (até 1888), o escravo era a principal mão-de-obra não só nos grandes plantéis monocultores, mas também nas grandes cidades. Esses escravos citadinos, funestamente representados pelas personagens de Bertoleza e Cecília, não só povoaram as cozinhas e quintais dos sobrados cariocas e havaneiros, mas também trabalharam na alfândega, carregaram os mais variados produtos, venderam quitutes, produziram e consertaram sapatos, trabalharam em pedrarias e fábricas, e chegaram, inclusive, a exercer atividades especializadas como carpinteiros, metalúrgicos, barbeiros-cirurgiões, etc. (KARASCH, 2000, p. 259-291).

Curiosamente, os escravos e escravas que povoaram as ruas, jornais e diversas obras literárias produzidas no oitocentos, parecem não ter suscitado grandes questões para aqueles que, já no século XX, se debruçaram sobre o passado escravista nas Américas. Mesmo que muitos romances dos oitocentos estivessem ambientados em cidades escravistas; que os relatos deixados por viajantes expressassem a

surpresa desses estrangeiros ao encontrar uma massa de escravos (crioulos e africanos) nas cidades; que os jornais da época anunciassem a venda, o aluguel e até mesmo a fuga de escravos citadinos, durante muitos anos a escravidão urbana parecia fazer parte da “paisagem de diferentes contextos históricos”, sem que isso levasse a maiores questionamento. Partindo das pistas deixadas pela literatura, o objetivo deste artigo é, justamente, fazer um exame crítico da historiografia da escravidão urbana nas Américas por meio de uma análise conectada dos estudos sobre Rio de Janeiro e Havana – as duas maiores cidades escravistas das Américas – demonstrando como este cenário também foi protagonista de muitas tramas.

### *Escravidão Urbana: a construção de um cenário*

503

No início do século XX, no Brasil e em Cuba, a escravidão transformou-se em um objeto independente de análise. Ainda que a instituição tenha feito parte de inúmeras obras nas duas localidades – fossem elas de cunho historiográfico, sociológico ou literário -, a abolição da escravidão no final do século XIX (1886, em Cuba, 1888, no Brasil) e a subsequente formação das repúblicas brasileira e cubana (respectivamente em 1889 e 1898) suscitaram novas perguntas para aqueles que se propuseram a examinar nações que precisavam lidar com a ampliação cívica do conceito de liberdade em meio ao recente passado escravista. Concomitante a isso, a passagem do século XIX para a centúria seguinte também foi marcada pelo florescimento da produção de cientistas sociais que se tornavam independentes das clássicas cátedras de direito e medicina, e, pouco a pouco, outorgavam-se como autoridades nos trabalhos que elegiam a sociedade (em sua múltipla expressão) como objeto de estudo<sup>1</sup>.

Neste contexto, dois nomes ganharam destaque no quadro intelectual dos dois países: Fernando Ortiz e Gilberto Freyre foram autores que não só se debruçaram sobre o estudo da escravidão, mas que elegeram a figura do escravo como fio condutor de obras que lhes trouxeram renome internacional. Mais do que analisar as sociedades em que viviam, ambos os autores acabaram formulando um projeto

<sup>1</sup> Cf. SCHWARCZ, 1993, SKIDMORE, 1989 e ORTIZ, 1985.

de integração e transculturação do negro e de seu legado africano nas histórias de Cuba e do Brasil.

Em 1916, Fernando Ortiz publicou *Hampa afro-cubana: Los Negros Esclavos* (ORTIZ, 1987)<sup>2</sup>, obra que representou uma espécie de divisor de águas na sua trajetória. Os fundamentos criminalistas e positivistas que nortearam sua primeira publicação, *Los Negros Brujos*<sup>3</sup>, sofreram forte influência das reorientações teóricas propostas pelos antropólogos Bronislaw Malinowski e Franz Boas. Em *Hampa afro-cubana*, Ortiz examinou diferentes aspectos da vida dos cativos de Cuba, por meio de uma etnografia que combinava a análise de relatos de viajantes com a leitura seriada de documentos produzidos pelas autoridades espanholas e cubanas. Ortiz procurou compreender as diversas instâncias da vida escrava, como a origem africana desses homens e mulheres, suas condições materiais de existência, as dinâmicas de seus trabalhos, as lutas pela liberdade e, mesmo que de forma pouco aprofundada, as diferenças existentes entre os escravos que viviam no campo e aqueles que habitavam as grandes cidades.

Corroborando o que havia sido registrado mais de cem anos antes pelo naturalista alemão Alejandro Humboldt, Ortiz foi categórico (e sintético) ao afirmar que, em Cuba, o escravo urbano possuía melhores condições de vida se comparado com aqueles que trabalhavam no campo. Nas dez páginas dedicadas ao tema, o autor afirmou que os escravos citadinos se alimentavam melhor, vestiam roupas mais elegantes, não precisavam dormir em barracões, e gozavam de maior mobilidade de trânsito graças à possibilidade de arrendarem a si

---

2 ORTIZ, Fernando. *Hampa afro-cubana: Los Negros Esclavos*. Estudio sociológico y de derecho publico. Revista Bimestre Cubana, La Habana, 1916. Em 1987, essa obra juntamente com as anotação do autor encontradas no arquivo do Instituto de História de la Academia de Ciencias de Cuba, compuseram a edição do livro: ORTIZ, Fernando. *Los Negros Esclavos*. La Habana, Editorial de Ciências Sociales, 1987, usado neste trabalho.

3 Cf. ORTIZ, 2007 (primeira edição de 1906). Neste trabalho, Ortiz pretendia analisar “*la mala vida cubana*” que, segundo ele, poderia ser entendida como a difusão da feitiçaria exercida pelos negros de Cuba, cuja “*psiquis africana, hubo de mantenerse ésta por largo tempo en un nivel inferior de cultura, así moral e intelectual*” (Ibidem, p. 21). De acordo com estudiosos, esse trabalho demonstra uma primeira fase de Fernando Ortiz, em que sua prática antropológica estava fortemente influenciada pelos estudos criminalistas, sobretudo aqueles feitos pelo italiano Cesare Lombroso e pelo brasileiro Nina Rodrigues (com quem Ortiz chegou a trocar correspondências). Cf. ARAÚJO, 2003. LOPES DE BARROS, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1082-1.pdf>>

mesmos<sup>4</sup>. Tais vantagens acabaram facilitando o acesso desses cativos ao pecúlio, o que explicava o maior índice de coartação e da alforria nas grandes urbes de Cuba.

Embora o espaço urbano e as heranças africanas tenham sido examinados pelo autor em outras obras (ORTIZ, 1987, p. 283-293), o local reservado para o escravo cidadão permaneceu o mesmo: um não-lugar. Nem tão castigado como aquele que trabalhava nas *plantations* açucareiras, nem tão livre como quem tinha obtido sua carta de alforria, o escravo urbano ficou numa espécie de limbo analítico, embora sua presença nunca tenha sido descartada pelo autor.

As mudanças teóricas nos estudos antropológicos no início do século XX e o uso que Fernando Ortiz fez delas para analisar a figura do negro cubano exerceram grande influência no estudo publicado em 1933 por Gilberto Freyre. No célebre *Casa Grande e Senzala*, Freyre (2009) não só rompeu com o discurso racialista reinante nas ciências sociais brasileiras, como inaugurou um novo olhar sobre o país<sup>5</sup>. Uma das premissas básicas do autor consistia na formulação de que a formação brasileira era um processo resultante do *equilíbrio de antagonismos*, fossem eles econômicos, sociais, políticos e até mesmo geográficos (FREYRE, 2009, p. 116). Todavia, Freyre frisou que o maior e mais profundo antagonismo do Brasil era o existente entre escravos e senhores do mundo rural. Vê-se, logo, que a escolha do título *Casa Grande e Senzala* não foi aleatória.

Segundo o autor, a formação da intimidade daquela que considerava a principal instituição da sociedade brasileira, a família patriarcal agrária, acabou moldando a possível contribuição do escravo

4 ORTIZ, F. Op. Cit., 1987, pp.283-293.

5 Um dos motivos do ineditismo da obra de Freyre consistia no fato dele ter examinado as contribuições dos escravos negros – e, conseqüentemente, das heranças africanas no Brasil – na mesma chave utilizada para falar de brancos e indígenas. Importante ressaltar que além da trajetória pessoal de Freyre, que foi aluno de Franz Boas nos Estados Unidos, e por isso fortemente influenciado pela Antropologia Cultural, o cenário intelectual brasileiro dos anos de 1930 produziu novas interpretações sobre a história do Brasil. De acordo com Antônio Cândido, a década de 1930 foi um “eixo catalisador; um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova”. Cf. MELLO E SOUZA, 1984, p. 24. Às experimentações culturais do decênio anterior (cujo marco importante foi a Semana de 1922), que criara modernismos antropofágicos e regionalistas, somavam-se a criação de universidades de filosofia, a laicização do ensino básico, a preocupação com a formação do cidadão, o engajamento político, a publicação massiva de livros e revistas. A mestiçagem passava a ser lida numa chave positiva, e a herança africana era recuperada.

(e de sua *africanidade*) para a sociedade brasileira. Para Freyre, o grande legado havia sido deixado pelos cativos de eito e aqueles que transitavam pelos corredores das Casas-grandes do Brasil, que não só trabalharam no plantio, colheita e processamento de produtos tropicais, mas que também temperaram a cozinha senhorial e amamentaram os filhos de seus proprietários (e, por vezes, eram tomadas como objetos sexuais de seus senhores).

Ainda que tenha sido muito bem recebida nos círculos intelectuais, e muitas vezes tomada como uma análise que abarcasse a totalidade da história brasileira, *Casa Grande e Senzala* era uma obra que se propunha a examinar o passado colonial do Brasil. No título que deu sequência à trilogia analítica sobre a sociedade brasileira – publicado originalmente em 1936 –, o escravo citadino, até então não mencionado, recebeu certo destaque. Segundo o próprio autor, *Sobrados e Mucambos* buscava:

506

estudar os processos de subordinação [...] que caracterizaram a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores dos sobrados urbanos e semiurbanos; o desenvolvimento das cidades; a formação do Império; íamos quase dizendo, a formação do povo brasileiro. (FREYRE, 2002, p. 9)

Por meio de um processo de imitação, a praça acabou vencendo o engenho (FREYRE, 2002, p. 61), e a intimidade da família do patriarcado rural foi dando lugar para a teatralização quase intrínseca da vida nas urbes. O âmbito privado dos sobrados e mucambos passou a rivalizar com a esfera pública das ruas, becos e chafarizes do mundo citadino. Em meio às tensões que marcaram a vida urbana do Brasil oitocentista, Freyre acabou construindo o primeiro inventário da escravidão urbana, marcada pela maior transitoriedade dos cativos (tanto os homens como as mulheres) que ganhavam as ruas da cidade em busca de trabalho; pelas fugas constantemente noticiadas nos jornais; pelos bandos de capoeiras que atormentavam as autoridades. (Ibidem, cap. 8-9) Mas, segundo o próprio autor, tal dinâmica “tinha os dias contados”. Ainda que boa parte da complexidade do cativo citadino tenha sido abordada por Freyre, o próprio autor já havia, de antemão, a classificado como um “*prolongamento [...] menos severo*

*dos senhores urbanos*”. Assim como pontuado por Ortiz vinte anos antes, “*la esclavitud urbana permitia ciertas situaciones favorables al esclavo*” (ORTIZ, 1987, p. 285), que de fato distanciavam sua experiência em cativo daquela vivida nas grandes *plantations*. No momento em que a instituição escravista começava a receber as primeiras análises aprofundadas, a pouca violência atribuída ao mundo citadino parecia não interessar aos pesquisadores.

O papel central que Ortiz e Freyre atribuíram à escravidão (e ao escravo rural) na construção de suas respectivas sociedades foi corroborado por outros estudiosos. Sendo assim, a boa recepção das análises de Fernando Ortiz e, sobretudo, de Gilberto Freyre acabaram tornando a escravidão urbana um tema menos relevante frente à totalidade do sistema escravista<sup>6</sup>. Tais autores inauguraram uma abordagem sobre a escravidão que lidava de forma positiva com as heranças africanas em duas sociedades notadamente miscigenadas – ainda que a violência fosse parte constitutiva da elaboração dos dois autores.

507

Se, por um lado, as leituras e interpretações das obras de Ortiz e Freyre reforçaram a pouca relevância que a escravidão urbana parecia ter em meio à análise de sociedades escravistas, por outro, a proximidade analítica e teórica dos estudos dos dois autores exerceram forte influência no exame comparado da escravidão nas Américas, que colocou Brasil e Cuba em um mesmo modelo de sistema escravista. Exemplo disso foi o ensaio de Frank Tannenbaum (1991) *Slave and Citizen*, publicado em 1946.

---

<sup>6</sup> No caso da historiografia brasileira das décadas de 1930 e 1940, outros importantes trabalhos que se propuseram a examinar o passado colonial brasileiro corroboraram o papel secundário que Freyre atribuiu à escravidão urbana. Cf. HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (primeira edição de 1936). 26ª edição. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1994. PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. (primeira edição de 1942). 24ª reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 1996. Prado Júnior chegou a dedicar algumas páginas no exame do cativo citadino que, segundo a perspectiva marxista que norteava sua obra, deveria ser compreendido como uma *anomalia* do sistema escravista brasileiro. O olhar que a escravidão recebeu da historiografia cubana do mesmo período não foi muito diferente. A ocupação dos Estados Unidos na ilha durante a década de 1920 e a ditadura de Gerardo Machado nos anos seguintes acabou gerando uma série de interpretações sobre a história de Cuba que estavam mais preocupadas em compreender questões relativas ao processo de Independência da ilha, bem como as relações diplomáticas. Importantes autores se destacaram nesse período, como Emilio Roig Leuchsering e Ramiro Guerra y Sánchez – mas suas análises deram pouquíssima atenção para a escravidão urbana. Cf. SMITH, 1964, pp. 44-73.

Imerso nas questões raciais que permeavam a sociedade estadunidense na primeira metade do século XX, sob a influência dos trabalhos de Ortiz e, principalmente, de Freyre<sup>7</sup>, Tannenbaum detectou uma série de semelhanças de ordem moral e legal no sistema escravista das colônias ibéricas que, segundo sua análise, seriam decorrentes da herança cristã e do legado do Código Justiniano implementados por Portugal e Espanha no Novo Mundo. (COPPER; HOLT; SCOTT, 2005, p. 39-41) A possibilidade de ter mediadores na relação com seus senhores teria, em tese, possibilitado aos escravos da América Ibérica uma vivência menos violenta quando comparada com aquela experimentada nas colônias inglesas. Um dos argumentos utilizados por Tannenbaum residia justamente no maior índice de alforrias encontradas no Brasil e em Cuba, que, conseqüentemente, teriam contribuído para a maior miscigenação racial verificada em ambas as sociedades.

508

Os termos utilizados por Tannenbaum iluminaram a visão idílica já existente sobre os estudos da escravidão ibérica, sobretudo no Brasil, e abriu caminho para outros estudos comparados<sup>8</sup>. O trabalho de Stanley Elkins é um dos principais exemplos da influência do modelo comparativo desenvolvido em *Slavery and Citizen*. (ELKINS, 1959) A partir de então, uma série de estudos (comparativos e locais) foram produzidos em amplo diálogo com a interpretação de Tannenbaum, fosse para reforçar os pontos levantados pelo autor, fosse para rechaçá-los<sup>9</sup>. Não seria exagero afirmar que a polêmica causada por Tannenbaum acabou reforçando a primazia da escravidão rural nos trabalhos que analisaram o passado escravista do Brasil e de Cuba.

---

7 Importante destacar que uma das razões para Tannenbaum dialogar abertamente com Gilberto Freyre deveu-se ao fato da obra freyriana ter sido uma das poucas análises escritas por brasileiros que foram traduzidas para o inglês.

8 Sobre impactos da obra de Tannenbaum na produção de história comparada ver: SILVA JÚNIOR, 2009, pp. 8-20.

9 Em importante artigo em que analisa o debate sobre escravidão nas Américas criado por Tannenbaum, Alejandro de la Fuente apontou uma série de estudos que foram feitos com o intuito de desvincular a realidade racial de sociedades da América Latina à pretensão de “suavidade” do sistema escravista. Cf. DE LA FUENTE, A. La esclavitud, la ley y la reclamación de derechos en Cuba: repensando el debate de Tannenbaum. *Debate y Perspectivas*, n° 4, diciembre 2004.

### *Novos cenários, novos objetos*

No quadro internacional, os inúmeros exames feitos sobre a escravidão nas Américas, a ampliação do escopo documental utilizado pelos historiadores, as lutas pelos direitos civis dos negros estadunidenses e o processo de independência da África criaram novas perguntas que não podiam ser respondidas apenas com o exame da escravidão rural, ou então por meio da perspectiva que entendia o escravo como “coisa”.<sup>10</sup> Dessa feita, na década de 1960, o cativo urbano começou a ganhar *status* de objeto independente e legítimo de análise. O trabalho de Richard Wade inaugurou o estudo sobre o cativo moderno no espaço urbano, mostrando que, mesmo numa sociedade marcada pela agricultura monocultora (no caso, o Sul dos Estados Unidos), a escravidão adaptou-se a diversas situações (WADE, 1964).

A partir da década de 1960, a escravidão urbana passou a ser uma questão relevante para os estudos da história americana. Além do quadro internacional apontado há pouco e do investimento em pesquisas sobre o tráfico transatlântico<sup>11</sup>, aspectos particulares das histórias do Brasil e de Cuba foram fundamentais para colocar o cativo urbano nas agendas de pesquisa, bem como para compor os termos em que tais análises seriam feitas. Sem dúvida alguma, o amplo debate sobre a existência ou não da democracia racial no Brasil (que teve o Projeto UNESCO como momento chave nas discussões)<sup>12</sup>, e a

10 A mudança historiográfica a respeito da escravidão moderna é bem comentada no artigo: PATTERSON, 1977, p. 407-449.

11 Ainda que num primeiro momento as pesquisas sobre tráfico tiveram uma abordagem fundamentalmente demográfica, elas já apontavam para a necessidade de se conhecer de forma mais aprofundada as dinâmicas das sociedades africanas envolvidas no tráfico. Nesse período, uma das obras mais importantes sobre o assunto foi CURTIN, 1969.

12 As análises sobre a questão racial brasileira produzidas pelos intelectuais da Escola de Chicago e, mais tarde, pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, ampliaram o debate sobre a existência de uma “harmonia racial” no Brasil. Interpretações da obra freyriana haviam criado o mito da inexistência ou da menor violência nas relações raciais brasileiras, que fazia do Brasil uma espécie de “Democracia Racial” que deveria ser tomada como modelo por outras sociedades. As questões raciais ficaram ainda mais aguçadas após os horrores da Segunda Guerra Mundial, que havia levado ao extremo às teses racialistas do século XIX. A fim de aprofundar os estudos sobre a temática, na década de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) patrocinou um conjunto de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. Conforme sugerido acima, a origem deste projeto estava associada, justamente, à agenda anti-racista formulada pela UNESCO no final dos anos 1940, sob o impacto do Holocausto. A aparente harmonia racial no Brasil fazia do país uma espécie de “laboratório vivo”. De tal

Revolução Cubana de 1959<sup>13</sup>, foram cruciais na definição dos estudos sobre o escravismo.

No caso da historiografia sobre o Brasil, a primeira análise sobre a temática parece elucidar muito bem a confluência dessas vertentes. Influenciada pela obra de Richard Wade e em franco debate com a historiografia sobre escravidão que entendia o cativo cidadão como uma dimensão menos violenta do sistema escravista, em 1972 Mary Karasch (2000) defendeu sua tese de doutorado, publicada quinze anos depois<sup>14</sup>. A obra de Karasch foi inovadora por dois motivos. O primeiro refere-se à própria escolha do objeto de estudo. Ao se valer de um *corpus* documental riquíssimo – desde relatos de viajantes até atas municipais, jornais da época e processos criminais –, a autora demonstrou a viabilidade da pesquisa sobre o tema, contrariando o que havia sido postulado por Gilberto Freyre anos antes. O segundo ponto inovador se remete à perspectiva analítica adotada por Karasch,

510

---

modo, os objetivos do Projeto UNESCO eram determinar os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos que favorecessem ou não a existência de relações harmoniosas entre raças e grupos étnicos. Para tanto, jovens cientistas sociais brasileiros e estrangeiros se incumbiram de analisar a significativa mobilidade e integração do negro na sociedade brasileira. Ainda que inúmeros trabalhos de peso tenham sido produzidos nesse contexto, não houve consenso entre os estudos. Enquanto parte dos trabalhos reforçava a imagem idílica das relações raciais no Brasil, outros estudos, sobretudo aqueles produzidos pela Universidade de São Paulo, rechaçaram tal premissa, utilizando a forte violência do passado escravista brasileiro como parte constitutiva de suas análises. Cf. GUIMARÃES, Antônio Sérgio, “Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960”. CHOR, Marcos. SANTOS, Ricardo (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *O Projeto UNESCO na Bahia*. Comunicação ao Colóquio Internacional “O projeto UNESCO no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois”, *Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia*, Salvador, Bahia, entre 12 e 14 de julho de 2004. Importante ressaltar, que o grupo que ficou conhecido “Escola de São Paulo” também sofreu forte influência da análise marxista. Importantes obras deste grupo foram: CARDOSO, Fernando H. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional; o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo, 1962. COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo, Difel, 1966. FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*, 2 vols. São Paulo, 1964.

13 Sobre a influência que a Revolução de 1959 teve na produção historiográfica cubana, ver: SMITH, Robert F. Twentieth-Century Cuban Historiography. *The Hispanic Historical Review*, Vol. 44, nº 2. Feb. 1964, pp. 44-73. PÉREZ Jr. Louis A. In the Service of the Revolution: Two Decades of Cuban Historiography 1959-1979. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 60, nº 1. Feb., 1980, pp. 79-89. PÉREZ Jr. Louis A. Twenty-Five Years of Cuban Historiography: Views from Abroad. *Cuban Studies*, nº 18, 1988, pp. 87-101.

14 KARASCH, Mary. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. São Paulo, Cia. das Letras, 2000 (trad. português).

que tomou o escravo como sujeito de sua história<sup>15</sup>. Essa abordagem permitiu esmiuçar as diversas facetas da vida escrava no Rio de Janeiro, traçando um amplo quadro sobre a estrutura do sistema escravista e o cotidiano cativo. Levando em conta a violência inerente à instituição, a autora apresentou um verdadeiro guia da vida escrava no Rio de Janeiro, que comporta a origem dos cativos, o tráfico transatlântico, a venda dos escravos, as atividades realizadas por eles no espaço urbano, as reinvenções de laços identitários, as atitudes do Estado perante a massa escrava, dentre outros aspectos.

A partir da análise de Karasch é possível afirmar que os estudos sobre escravidão urbana no Brasil passaram a compor um interessante campo investigativo, que foi ganhando maior legitimidade. Sete anos após a pesquisa da estadunidense, Kátia Mattoso publicou *Ser escravo no Brasil*<sup>16</sup>, obra na qual apresentou um quadro geral da vida escrava na cidade de Salvador<sup>17</sup>. Em tese de doutorado defendida em 1982, e publicada alguns anos depois, João José Reis (2003) reorientou o tema da escravidão nos centros urbanos. Ao estudar o levante dos Malês em 1835 na cidade de Salvador, o autor trabalhou com a potencialidade explosiva dos centros urbanos do Brasil Imperial, que exacerbavam o sentimento de desigualdade social e política.

O trabalho de João José Reis já anunciava importantes mudanças na historiografia brasileira sobre escravidão. O final de década de 1980 e o início dos anos 1990 foram extremamente profícuos na produção acadêmica. O diálogo com movimentos sociais (como o Movimento Negro), a redemocratização brasileira e a recusa da harmonia racial no Brasil tiveram forte influência em trabalhos que elegeram o escravo como objeto de análise. Mas, tal escolha também estava pautada numa série de inovações ocorridas na História Social, como a preocupação em abordar a “história dos vencidos”, ou a história vista de baixo; a micro História; e a nova abordagem marxista desenvolvida por E.P. Thompson – que empregava o conceito de *agência* para analisar as

15 Parte da perspectiva analítica adotada por Karasch segue a linha sistematizada por Genovese em sua obra: GENOVESE, 1974.

16 MATTOSO, Kátia. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982. O livro é tradução do original francês de 1979.

17 Muitos dos pontos levantados pela autora foram questionados pela historiografia subsequente, principalmente no que se refere à certa suavidade do sistema escravista nas cidades, se comparado à escravidão no campo. Ver: GORENDER, 1990.

classes trabalhadoras inglesas<sup>18</sup>. De maneira geral, tais trabalhos ressaltavam a violência inerente ao sistema escravista, mas tinham a forte preocupação em apresentar as diferentes formas de resistência dos escravos em meio ao sistema – resistência essa muitas vezes ligada às heranças africanas. (Cf. REIS; SILVA, 1989)

Ainda que parte significativa da produção acadêmica deste período tenha analisado o escravo sujeito às dinâmicas que ditaram o ritmo produtivo das *plantations*<sup>19</sup>, as novas abordagens historiográficas privilegiavam estudos mais específicos, que passavam ao largo de análises generalizantes. Nesse contexto, o mundo citadino se tornou extremamente convidativo para novas pesquisas, e muitos historiadores aproveitaram as pistas deixadas por Mary Karasch para esmiuçar o cativo citadino e suas aparentes contradições.

O Rio de Janeiro foi uma das cidades mais estudadas pela historiografia devido ao avultado número de escravos durante o século XIX e, conseqüentemente à grande quantidade de documentos existentes nos arquivos. Em 1983, Leila Mezan se propôs estudar a escravidão no Rio de Janeiro joanino a partir do que considerou ser a falta de intermediação na relação *senhor-escravo* que, no campo, era representada pela figura do feitor. (ALGRANTI, 1988) Por meio da análise de processos criminais, a autora trabalhou com uma das facetas mais polêmicas do cativo nas cidades: a maior liberdade escrava nas ruas dos centros urbanos e o papel do Estado como instância mediadora do controle social, ou seja, como substituto do feitor. A violência, a maior mobilidade do escravo urbano e as ações estatais foram finamente discutidas por Leila Mezan.

Cinco anos depois, quando o Brasil comemorava o centenário da abolição, Marilene Rosa Nogueira da Silva (1988) defendeu sua dissertação de mestrado, na qual procurava compreender o cotidiano do escravo ao ganho – o cativo que ia para as ruas cariocas para realizar suas tarefas – a partir do pressuposto de que o espaço urbano era um ambiente altamente explosivo. Nesse mesmo ano, Luis Carlos Soares

---

18 Importantes trabalhos que foram cruciais para a renovação da historiografia social deste período são: GINZBURG, 1987. SHARPE, artigo em BURKE, 1992, pp. 39-62. THOMPSON, 1997. THOMPSON, 1998.

19 Importantes trabalhos que analisaram a escravidão rural no Brasil foram: MACHADO, 1987; LARA, 1988.

(1988) também analisou parte das questões relacionadas *ao mundo do trabalho* dos escravos urbanos, reiterando que o pecúlio recebido pelos cativos não diminuía a violência inerente às relações escravistas.

Em certa medida, as três obras descritas acima trataram dos assuntos mais espinhosos sobre a escravidão urbana: a maior mobilidade do escravo no espaço urbano, a possibilidade desse cativo ter pecúlio e os limites da interferência estatal no cotidiano escravista das urbes. Todos foram categóricos ao demonstrar que, embora a escravidão urbana tivesse características significativamente distintas das observadas no mundo rural – principalmente no que diz respeito à vida material dos escravos –, a violência esteve presente em todas as dimensões do cativo cidadão.

Embora a história cubana tenha experimentado o peso da escravidão de forma muito intensa (sobretudo entre fins do século XVIII e começo do século XIX), a trajetória da historiografia sobre escravidão urbana em Cuba é significativamente distinta do que foi visto no caso brasileiro. A Revolução de 1959 é tida por muitos estudiosos como uma espécie de divisor de águas na produção historiográfica produzida em Cuba. Antes da Revolução, a escravidão urbana era um tema pouco ou nada explorado. Ainda que tenha havido uma importante produção intelectual entre as décadas de 1930 e 1940, os temas analisados estavam atrelados à compreensão do passado colonial, da guerra de Independência e das relações diplomáticas com os Estados Unidos, que quase resultaram na anexação da ilha. A cidade de Havana foi palco de muitos estudos, mas a maior parte deles estava preocupado em compreender quais foram as redes sociais estabelecidas pela elite intelectual do século XVIII e, principalmente, da centúria seguinte (SMITH, 1964).

É inegável que as obras de Fernando Ortiz tenham exercido forte influência nos trabalhos com abordagens culturalistas, demonstrando a necessidade em se aprofundar os estudos sobre a população escrava e negra para a melhor compreensão do passado colonial. Perez de la Riva publicou um importante trabalho em 1944 no qual, sob a forte influência dos estudos de Freyre, elegeu a plantação cafeeira como o centro da cultura cubana durante a colonização<sup>20</sup>. Imersos nas discussões

20 DE LA RIVA, PÉREZ. *El Café*. Historia de su cultivo y explotación en Cuba. Havana, 1944. Citado por: SMITH, 1964, p. 71.

iniciadas por Frank Tannenbaum e Stanley Elkins a respeito das diferenças entre os sistemas escravistas das Américas, Herbert Klein (1989)<sup>21</sup> e Franklin Knight (1970) elaboraram interpretações sobre o sistema escravista cubano que, apesar de divergentes, concordavam sobre a menor relevância do cativo urbano na história cubana. Por mais que tenha reconhecido a importância do escravo (e do liberto) para o funcionamento das grandes cidades cubanas, Klein tomou como irrefutáveis os relatos deixados por parte dos viajantes e classificou o cativo urbano como menos violento do que o vivenciado nas *plantations*, e até mesmo do que o experimentado na escravidão urbana da Virgínia (KLEIN, 1989). Knight reforçou tal perspectiva, afirmando que

Não foi apenas a vida dos escravos nas cidades muito menos regulamentada, mas também as oportunidades para obter dinheiro permitiu-lhes comprar a sua liberdade com facilidade relativamente maior do que os escravos rurais. Os escravos urbanos também se misturavam com as pessoas de cor livres, o que facilitava as fugas. (KNIGHT, 1970, p. 61)

Assim como Ortiz havia afirmado meio século antes, a melhor condição material do escravo urbano – que podia vestir-se e alimentar-se melhor do que os cativos do campo – não só criou um subtipo de escravo, como acabou desenvolvendo um gradiente da violência inerente à instituição escravista<sup>22</sup>.

As muitas mazelas sofridas pelos escravos passaram a ser estudadas de forma mais sistemática pela historiografia formada após a Revolução de 1959. Embora uma abordagem mais esquerdista da história cubana já tivesse sido elaborada na década de 1930, boa parte das análises marxistas passaram a encarar o período escravista como o germen das lutas de classe do século XX. Não só a violência inerente ao sistema foi incorporada nas análises, como a própria figura do negro ganhou destaque (PEREZ Jr, apud SMITH, 1964, p. 71).

21 Primeira publicação em 1969.

22 Em 1972, John Blassingame publicou um interessante artigo no qual criticou o olhar condescendente que Klein e Knight desenvolveram sobre a escravidão urbana. Seu principal questionamento incidiu no uso acrítico dos relatos deixados pelos viajantes que visitaram a ilha durante o período colonial, e a escolha proposital de parte desses estrangeiros. Segundo ele, outros viajantes que estiveram na ilha não só denunciaram a violência sofrida pelos escravos urbanos, como a classificaram como mais acintosa se comprada com a vida dos escravos que viviam no Sul dos Estados Unidos. Cf. BLASSINGAME, 1972, p. 415-424.

Aspectos da complexidade das relações criadas em cidades escravistas cubanas foram apresentados em *El negro en la economía habanera del siglo XIX*<sup>23</sup>. Publicado em 1971, o livro de Pedro Deschamps Chapeaux resgatou parte da trajetória da população negro-mulata que viveu em Havana durante o século XIX. Embora a escravidão urbana propriamente dita não tenha sido seu objeto de análise, o autor investigou questões importantes, tais como os agrupamentos negros (*cabildos de nación*), os batalhões de Pardos e Morenos de Havana, os músicos, os barbeiros e sangradores, os casamentos inter-raciais que indicaram a intrincada relação estabelecida entre os negros escravizados e aqueles que haviam obtido a liberdade.

Mesmo apontando a necessidade de um estudo mais sistemático sobre a escravidão urbana em Havana, a grande contribuição da obra de Deschamps Chapeaux foi iluminar as questões experimentadas pelos negros (escravos e livres), dando especial atenção para os eventos e situações protagonizados pela *población de color*. De certa forma, Deschamps acabou criando uma tradição que privilegiava o estudo das ações de escravos e libertos em Cuba, tivessem eles vivido no campo ou nas cidades. As contribuições do autor não pararam por aí. Imbuído em comprovar a relevância da população negra (livre e escrava) na história de Cuba, em 1973, Deschamps Chapeaux publicou *Contribución a la historia de la gente sin historia*, obra na qual faz uma análise de cunho teórico-metodológico sobre a presença negra em Cuba. Onze anos depois, o mesmo autor publicou *Los cimarrones urbanos*, estudo no qual o autor apontou parte da complexidade das dinâmicas da escravidão urbana, bem como quais seriam os documentos necessários para se pensar o cativo no espaço citadino<sup>24</sup>.

As primeiras obras de Deschamps Chapeaux foram muito importantes para a análise feita por Verena Martinez-Alier em *Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century Cuba*<sup>25</sup>, publicado

---

23 DESCHAMPS CHAPEAUX, Pedro. *El negro en la economía habanera del siglo XIX*. UNEAC, Habana, 1971.

24 DESCHAMPS CHAPEAUX, P. PÉREZ DE LA RIVA, J. *Contribución a la historia de la gente sin historia*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1974. DESCHAMPS CHAPEAUX, P. *Los Cimarrones urbanos*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

25 MARTINEZ-ALIER, Verena. *Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century Cuba. A study of racial attitudes and sexual values in a slave society*. Michigan, The University of Michigan Press, 2001.

originalmente em 1974. Mesmo que seu objetivo não fosse examinar exclusivamente as dinâmicas da escravidão ou do mundo citadino, Martinez-Alier levantou importantes questões sobre aspectos que balizaram o cotidiano dos cativos e libertos que viveram na ilha durante o século XIX, principalmente no que diz respeito aos valores e práticas sexuais de uma sociedade escravista marcada por relações raciais tensas. Esse trabalho teve grande importância no debate sobre as questões raciais e de gênero em Cuba que, conforme visto, foram tidas como menos violentas se comparadas com outras localidades nas Américas, sobretudo as localidades de colonização inglesa e francesa.

Num esforço em realizar uma história total de Cuba, Levi Marrero pontuou questões interessantes sobre a escravidão em Havana, nos volumes 9 e 10 da gigantesca obra *Cuba: economía y sociedad. Azúcar, ilustración y consciencia (1763-1868)*<sup>26</sup>, reforçando a complexidade das relações raciais na ilha. Ainda na linha de trabalhos que se debruçaram sobre as questões étnicas raciais em Cuba – estabelecendo importante articulação com a dinâmica do escravismo citadino – destacasse o livro *Conspiración de La Escalera (1844)* publicado em 1988<sup>27</sup>. Nessa obra, Robert Paquette evidenciou a complexidade das questões raciais na ilha, num momento em que o abolicionismo ganhava muito espaço entre determinados grupos cubanos (sobretudo em Havana), que contavam com forte apoio dos ingleses diretamente envolvidos em ações antiescravistas na Cuba de então. Assim como no trabalho de João José Reis, as dinâmicas do espaço urbano marcadamente escravista, também se mostravam potencialmente explosivas. De tal forma, as histórias miúdas dessas cidades ganhavam outros contornos e novos personagens.

O que se pode observar é que, entre as décadas de 1970 e 1980, uma série de análises sobre a história do Brasil e de Cuba passou a examinar a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, bem como as imbricações dos conceitos de raça e nação em Cuba nas últimas décadas do século XIX e no início da República. Por meio

---

26 MARRERO, Levi. *Cuba: economía y sociedad. Azúcar, ilustración y consciencia (1763-1868)*, vols. 9 e 10. Madrid, Editorial Playor, 1984.

27 PAQUETTE, Robert L. *Sugar is Made with Blood. The conspiracy of La Escalera and the conflict between Empires over Slavery in Cuba*. Middletown, Wesleyan University Press, 1988.

de análises comparadas ou de estudos de caso, a pretensa harmonia racial cubana – já questionada em trabalhos anteriores – passou a ser sistematicamente combatida<sup>28</sup>.

### *Cenário como protagonista*

Foi apenas no final da década de 1980, que as fímbrias da escravidão urbana que alimentaram alguma das ficções do oitocentos transformaram-se em objetos de pesquisa da historiografia que se debruçava sobre as dinâmicas do Rio de Janeiro e de Havana. Ainda imersos na renovação historiográfica, sobretudo na área da História Social – que inauguravam novas perspectivas históricas –, os estudos feitos a partir de 1990 corroboraram a particularidade da escravidão urbana, colocando novas questões sobre o espaço citadino e ampliando o leque de assuntos relevantes sobre o tema. No caso brasileiro, pode-se notar uma profusão de trabalhos sobre cativo urbano, principalmente no Rio de Janeiro, cidade que teve uma trajetória muito singular dentro do contexto americano, tendo em vista que foi transformada naquilo que Kirsten Schultz chamou de *Versalhes Tropical*<sup>29</sup>. Além da singularidade do Rio de Janeiro, é preciso pontuar que a criação de muitos cursos de pós-graduações e o desenvolvimento de pesquisas em arquivos e/ou fontes até então pouco consultados também foram cruciais para a elevação da escravidão urbana como objeto de análise. Aquilo que era cenário, ganhava status de protagonista, permitindo que os historiadores pudessem esmiuçar ainda mais a dinâmica urbana.

O exame dos tipos de moradia escrava foram temas de pesquisa de Sidney Chalhoub<sup>30</sup> e de Carlos Eugênio Líbano Soares<sup>31</sup>, que

28 Ver: SCOTT R. *Slave Emancipation in Cuba: The Transition to Free Labour, 1860-1899*. Princeton, Princeton University Press, 1985. SCOTT, R. *Degrees of Freedom: Cuba and Louisiana after Slavery*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2005. FERRER, A. “Esclavitud, Ciudadanía y los Límites de la Nacionalidad Cubana: La Guerra de los Diez Años, 1868-1878”. *Historia Social*, no. 2, 1995, pp. 101-125. FERRER, A. *Insurgent Cuba: Race, Nation, and Revolution, 1868-1898*, North Carolina, University of North Carolina Press, 1999. DE LA FUENTE, A. Myths of Racial Democracy: Cuba, 1900-1912. *Latin American Research Review*, Vol. 34, N° 3, 1999, pp. 39-73.

29 SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical*. Império, Monarquia e a Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

30 CHALHOUB, S. *Cidade Febril*. Cortiços e Epidemias na corte imperial. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

31 SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Zungú: rumor de muitas vozes*. Rio de Janeiro, Arquivo

demonstraram que os escravos urbanos souberam desfrutar da maior mobilidade de trânsito em benefício próprio. Os mesmos autores também examinaram, em trabalhos distintos, como os escravos se apropriaram de laços de solidariedade e da prática da capoeira para lutar contra a escravidão<sup>32</sup>. A complexidade da vida no Rio de Janeiro era tamanha, que trabalhos mais especializados puderam ser feitos. Formação de quilombos nas proximidades do perímetro urbano carioca; capoeira escrava; fugas; criminalidade; compra de liberdade; relações de compadrio; maneiras de controlar os cativos; procedência dos africanos escravizados<sup>33</sup>; diferentes possibilidades de moradia: esses são exemplos de outros temas que veem sendo abordados pela historiografia que se debruça sobre o escravismo citadino, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro<sup>34</sup>.

---

Público do Rio de Janeiro, 1998.

32 CHALHOUB, S. *Visões de Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

33 Ver: GOMES, Flávio dos Santos. “Quilombos do Rio de Janeiro no século XIX”. REIS, J.J. GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 263-290. GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995. SOUSA, Jorge Prata (org.). *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. FERREIRA, Roberto Guedes. *Na pia batismal: família e compadrio entre escravos na freguesia de São José do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, Ed. Unicamp, 2002. ROSSATO, Jupiracy A. R. *Sob os Olhos da Lei: o escravo urbano na legislação municipal da cidade do Rio de Janeiro (1830-1838)*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002. FLORENTINO, Manolo. “Dos escravos, forros e fujões no Rio de Janeiro imperial”. *Revista da USP - Dossiê Brasil Império*, 58, jun./jul./ago. 2003 pp.104-115. FRANK, Zephyr L. *Dutra's World. Wealth and Family in Nineteenth-Century Rio de Janeiro*. Albuquerque, University of New Mexico, 2004. MOREIRA, Carlos E.A. *O Duplo Cativo: escravidão urbana e o sistema prisional no Rio de Janeiro, 1790 – 1821*. Dissertação de Mestrado defendida na UFRJ, Rio de Janeiro, 2004. FARIAS, J.B. SOARES, C.E.L. GOMES, F. *No Labirinto das Nações*. Africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005. LARA, Silvia H. *Fragmentos setecentistas*. Escravidão, cultura e poder na América portuguesa. São Paulo, Cia. das Letras, 2007. LIMA, C.A. *Artífices do Rio de Janeiro (1790-1808)*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008. SELA, Eneida M.M. *Modos de ser, Modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, Editora UNICAMP, 2008. SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Além da Senzala*. Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo, HUCITEC, 2010.

34 Apesar de parte significativa dos trabalhos sobre cativo urbano ter examinado o Rio de Janeiro pelas razões já pontuadas, importantes análises sobre outras cidades brasileiras

No caso de Havana, a produção historiográfica sobre sua dinâmica escravista é menor e menos diversificada, ainda que axial para desnudar as tessituras do escravismo na cidade. Ainda que apenas tangenciasse a questão do escravismo, os trabalhos de Venegas Fornias foram fundamentais para o melhor conhecimento da diversificada população que habitou uma Havana amuralhada<sup>35</sup>. Na síntese feita sobre as relações estabelecidas entre Cuba e Espanha<sup>36</sup>, Moreno Friginals sublinhou a proeminência da escravidão em Havana em alguns de seus capítulos, oferecendo importantes pistas sobre a complexidade do cativo na cidade. Ao analisar os *Negros e mulatos: vida e sobrevivência*, e *A sociedade produzida pelo açúcar*, o autor mostrou como o cativo cidadão fez parte de praticamente toda história da capital cubana, achegando, inclusive, a advertir sobre as principais mudanças ocorridas nesse segmento da população a partir do século XIX<sup>37</sup>. Em 1998, Antonio Núñez Jiménez<sup>38</sup> publicou uma compilação de anúncios dos principais jornais de Havana entre os anos de 1790 a 1886. Com este material, o autor apresentou parte do enredo que marcou o cotidiano da Havana escravista, dando especial destaque

---

reforçaram a relevância do estudo da escravidão urbana. Moradia escrava, legado africano, relações de gênero e as dinâmicas entre cativos e forros foram alguns dos aspectos que permearam o cotidiano de cidades como Salvador, Pernambuco, São Paulo e Porto Alegre. Tal diversidade, aliada ao uso de fontes variadas, à formulação de novas perguntas e à análises criteriosas, demonstram a relevância e as potencialidades da investigação da escravidão urbana no Brasil. Ver: COSTA, Ana de Lourdes R. *Ekabó. Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX*. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1989. CARVALHO, Marcus J.M. *Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo*, Recife, 1822-1850. 2ªed. Recife. Editora da UFPE, 1998. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984. WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos Escravos, Vivências Ladinas*. Escravos e forros em São Paulo (1850 – 1880). São Paulo, Editora Hucitec, 1998. MAESTRI, Mário. *O Sobrado e o cativo*. A arquitetura urbana erudita no Brasil escravista. O caso gaúcho. Passo Fundo. Editora UPF, 2002. FARIAS, J.B. GOMES, F. SOARES, C.E.L. MOREIRA, C.E.A. *Cidades Negras*. Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX. São Paulo, Alameda, 2006.

35 VENEGAS FORNIAS, Carlos. *La urbanización de las murallas: dependencia y modernidad*. La Habana, Editorial Letras Cubanas, 1990. VENEGAS FORNIAS, Carlos. *Cuba y sus pueblos*. Censos y mapas de los siglos XVIII y XIX. La Habana, Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2002.

36 FRAGINALS, M.M. *Cuba. Espanha. Cuba*. Uma História Comum. (trad. port., 1ª edição esp. 1995)Bauru, EDUSC, 2005.

37 Idem, pp. 101-111 e pp. 217-237.

38 NÚÑEZ JIMÉNEZ, Antonio. *Los Esclavos Negros*. La Habana, Fundación de la Naturaleza y el Hombre, 1998.

à procedência desses cativos, às atividades executadas por eles no mundo urbano e à resistência ao sistema escravista por meio das fugas.

Nos últimos quinze anos, diferentes aspectos da escravidão urbana em Havana foram abordados pela historiografia, confirmando aquilo que os trabalhos assinalados vinham anunciando. As inovações apontadas e a ampliação do debate sobre as questões raciais em Cuba marcaram muitos desses estudos. Em 2001, por exemplo, Luz Mena<sup>39</sup> defendeu sua tese de doutorado na qual analisou os negros livres e as relações raciais existentes em Havana durante seu processo de modernização urbana. Dois anos depois, Gloria García trabalhou com diferentes aspectos da escravidão cubana num constante diálogo entre documentos e análise historiográfica, cujo objetivo era tentar “*escutar a voz do escravo*”.<sup>40</sup> No mesmo ano, Maria del Carmen Barcia Zequeira<sup>41</sup> examinou a problemática da formação de famílias escravas em Cuba e, uma vez mais, Havana foi citada como um dos espaços de reconstrução dos laços de parentesco de escravos e seus descendentes. Em 2004, Daniel Walker tratou da resistência dos escravos urbanos com base no estudo comparado entre as cidades de Havana e de New Orleans<sup>42</sup>; para tanto, o autor analisou o controle social no espaço público, a luta escrava pela constituição de famílias, o imaginário africano e o imaginário afro-americano e, por fim, a construção do que chamou de herança cultural.

Em 2006, Matt Childs<sup>43</sup> analisou aspectos relacionadas diretamente à escravidão em Havana ao examinar a luta contra a escravidão atlântica a partir da rebelião de Aponte, em 1812, indicando uma vez mais o caráter explosivo que essa cidade poderia ter. Dois anos depois, em 2008, Maria del Carmen Barcia Zequeira<sup>44</sup> publicou

---

39 MENA, Luz Maria. “No Common Folk”. Free Black and Race Relationships in the Early Modernization of Havana (s1830-s1840). Tese defendida na Universidade de Berkley, 2001.

40 GARCÍA, Gloria. *La Esclavitud desde la Esclavitud*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1996, p. 3.

41 BARCIA ZEQUEIRA, Maria del Carmen. *La Otra familia. Parientes, redes y descendencia de los esclavos en Cuba*. La Habana, Fondo Editorial Casa de las Americas, 2003.

42 WALKER, D.E. *No more, No more*. Slavery and Cultural resistance in Havana and New Orleans. Minneapolis, University of Minnessota Press, 2004.

43 CHILDS, Matt D. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 2006.

44 BARCIA ZEQUEIRA, Maria del Carmen. “Negros en sus espacios: vida y trabajos en la

outro trabalho, no qual examinou os espaços públicos que os negros ocuparam em Havana. Embora não aborde apenas a vida do escravo na capital cubana, a autora lançou luz sobre algumas das implicações que a escravidão urbana teve na cidade, sobretudo no que diz respeito à população livre e “de cor”. Neste mesmo ano, a importância da escravidão em Havana foi destacada por Alejandro de la Fuente, quando o autor analisou a história da cidade durante o século XVI. Em *Havana and the Atlantic in the Sixteenth Century*<sup>45</sup>, De la Fuente trouxe importante contribuição para os estudos da escravidão urbana, principalmente de Havana, ao defender a tese de que a cidade já poderia ser classificada como escravista muito antes da consolidação do sistema de *plantation* em Cuba.

No ano seguinte, Maria del Carmen Barcia Zequeira ampliou a pesquisa indicada acima e publicou *Los Ilustres Apellidos*<sup>46</sup>, obra em que analisou os diferentes espaços ocupados pela população negra em Havana durante o século XIX, sobretudo pelos segmentos liberto e livre que compunham as milícias de batalhões de negros e pardos e chefiavam as confrarias e *cabildos* da cidade.

Ainda que o número de trabalhos sobre Havana seja menor quando comparado com o Rio de Janeiro, a inovação da História Social permitiu que os historiadores fizessem novas perguntas sobre o passado da cidade cujas respostas estavam intimamente relacionadas com o caráter escravista de Havana. Os trabalhos mais recentes das historiadoras Aisnara Perera Diaz e Maria do los Ángeles Fuentes são bons exemplos disso: além de uma perspectiva da micro história e da preocupação em compreender o universo dos escravos e libertos, as pesquisas das duas historiadoras também permite compreender Havana em comparação com outras cidades de Cuba<sup>47</sup>.

---

Habana Colonial (espacios físicos, espacios sociales, espacios laborales)”. In.: José Antonio Piqueras. (Org.). *Trabajo libre y Coactivo en Sociedades de Plantación*. Madrid: Siglo XXI, 2009.

45 DE LA FUENTE, A. *Havana and the Atlantic in the Sixteenth Century*. North Carolina, The University of North Carolina Press, 2008.

46 BARCIA ZEQUEIRA, Maria del Carmen. *Los Ilustre Apellidos: negros en la Habana colonial*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 2009.

47 Aisnara Perera Diaz e Maria de los Ángeles Meriño Fuentes. *Esclavitud, familia y parroquia en Cuba: otra mirada desde la microhistoria*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2006; idem, *Para librarse de lazos, antes buena familia que buenos brazos. Apuntes sobre la manumisión en Cuba*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2009.

Numa outra perspectiva, o trabalho recente de Ada Ferrer acaba com qualquer dúvida sobre o caráter marcadamente escravista de Havana na virada do século XVIII para a centúria seguinte. Em *Freedom's Mirror* a autora analisa as relações entre Cuba e Haiti durante a Era das revoluções (FERRER, 2014). Mostrando como a capital cubana foi um local não apenas de entrada de milhares de africanos, mas também de circulação de muitas ideias que, assim como demonstrado por Matt Child, poderiam implodir o escravismo da ilha.

A possibilidade de comparar a escravidão em Havana e no Rio de Janeiro foi anunciada ainda no século XIX, quando o cientista Alejandro Humboldt (1836) se assustou com o percentual negro de ambas as cidades, ou alguns anos depois, quando o abolicionista Aureliano Tavares Bastos comparava – sem esconder sua felicidade – que o número de escravos das duas cidades diminuía a olhos visto. O historiador Michel Zeuske chegou a sugerir a potencialidade de um estudo comparado sobre aquelas que ele chamou de “irmãs do Atlântico”.<sup>48</sup> A relação entre espaço urbano e trajetórias femininas foi o tema central analisado por Camillia Cowling em tese defendida em 2006 e publicada em 2014<sup>49</sup>. Fazendo uso da análise comparada, Cowling trabalhou com a realidade das mulheres “de cor” no Rio de Janeiro e em Havana durante os últimos anos de vigência da escravidão, mostrando como escravas que eram mães exerceram papéis fundamentais na luta pelo fim da escravidão no Brasil e em Cuba. Em tese de doutorado defendida em 2012, a potencialidade do estudo comparado daquelas que foram as maiores cidades escravistas foi uma vez mais analisado; em *Irmãs do Atlântico*, a pesquisadora demonstra quais foram as razões compartilhadas pelas elites cubanas e brasileiras para que Rio de Janeiro e Havana compartilhassem o pouco honroso título de maiores cidades escravistas do mundo (SANTOS, 2012).

A possibilidade de comparar dinâmicas e conectar experiências

---

48 ZEUSKE, Michael. “Comparing or interlinking? Economic comparisons of early nineteenth-century slave systems in the Americas in historical perspective” In.: LAGO, E. dal & KATSARI, C. (ed.) *Slave System Ancient and Morden*. Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 148-184.

49 COWLING, Camillia. *Matrices of Opportunity: Women of Colour, Gender and the Ending of Slavery in Rio de Janeiro and Havana, 1870-1888*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013

permite ampliar ainda mais o olhar sobre esse cenário que, cada vez mais vem ganhado protagonismo nas agendas de pesquisa. Analisar a escravidão urbana em perspectiva, permite não só mergulhar nas especificidades que o escravismo citadino ganhou em diferentes cidades das Américas, como também compreender quais dinâmicas eram características da escravidão urbana. O cenário no qual se desenrolaram as vidas de sofrimento, angústias, amores e labutas de Bertoleza e Cecília, tornou-se pois, um promissor campo de pesquisa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente*. Estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro 1808-1821. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

ARAÚJO, Telmo R. S. *O pensamento racial em Nina Rodrigues e Fernando Ortiz*. Dissertação de Mestrado defendida na UNESP, Franca, 2003.

AZEVEDO, Aluizio. *O Cortiço*. 1ª. edição 1890, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

BARCIA ZEQUEIRA, Maria del Carmen. “Negros en sus espacios: vida y trabajos en la Habana Colonial (espacios físicos, espacios sociales, espacios laborales)”. In.: José Antonio Piqueras. (Org.). *Trabajo libre y Coativo en Sociedades de Plantación*. Madrid: Siglo XXI, 2009.

\_\_\_\_\_. *La Otra familia*. Parientes, redes y descendencia de los esclavos en Cuba. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Americas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Los Ilustre Apellidos: negros en la Habana colonial*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2009.

BLASSINGAME, J. W. Bibliographical Essay: Foreign Writers View Cuban Slavery. *The Journal of Negro History*, Vol. 57, nº 4 p. 415-424, out. 1972.

CARDOSO, Fernando H. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional; o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo: 1962.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Difel, 1966.

CARVALHO, Marcus J.M. *Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo*, Recife, 1822-1850. 2ªed. Recife: Editora da UFPE, 1998.

CHALHOUB, S. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Visões de Liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CHILDS, Matt D. *The 1812 Aponte Rebellion in Cuba and the Struggle against Atlantic Slavery*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

COPPER, F. HOLT, T. SCOTT, R. *Além da escravidão. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Ana de Lourdes R. *Ekabó. Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX.* Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1989.

COWLING, Camillia. *Matrices of Opportunity: Women of Colour, Gender and the Ending of Slavery in Rio de Janeiro and Havana, 1870-1888.* Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013

CURTIN, Philip D. *The Atlantic slave trade: a census.* Madison: Wisconsin University Press, 1969.

DE LA FUENTE, A. La esclavitud, la ley y la reclamación de derechos en Cuba: repensando el debate de Tannenbaum. *Debate y Perspectivas*, nº 4, dez. 2004.

525

\_\_\_\_\_. *Havana and the Atlantic in the Sixteenth Century.* North Carolina: The University of North Carolina Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Myths of Racial Democracy: Cuba, 1900-1912. *Latin American Research Review*, v. 34, nº 3, p. 39-73, 1999.

DE LA RIVA, PÉREZ. El Café. *Historia de su cultivo y explotación en Cuba.* Havana: 1944.

DESCHAMPS CHAPEAUX, Pedro. *El negro en la economía habanera del siglo XIX.* Havana: UNEAC, 1971.

\_\_\_\_\_. *Los Cimarrones urbanos.* Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

DESCHAMPS CHAPEAUX, P. PÉREZ DE LA RIVA, J. *Contribución a la historia de la gente sin historia.* Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1974.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

DÍAZ, Aisnara Perera e MERIÑO FUENTES, Maria de los Ángeles. *Esclavitud, familia y parroquia en Cuba: otra mirada desde la microhistoria, Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2006; idem, Para librarse de lazos, antes buena familia que buenos brazos. Apuntes sobre la manumisión en Cuba.* Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2009.

ELKINS, S. *A Problem in American Institutional and Intellectual Life*. Chicago: The University of Chicago Press, 1959.

FARIAS, J.B. GOMES, F. SOARES, C.E.L. MOREIRA, C.E.A. *Cidades Negras. Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.

FARIAS, J.B. SOARES, C.E.L. GOMES, F. *No Labirinto das Nações. Africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*, 2 vols. São Paulo: 1964.

FERREIRA, Roberto Guedes. *Na pia batismal; família e compadrio entre escravos na freguesia de São José do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

FERRER, Ada. Esclavitud, Ciudadanía y los Límites de la Nacionalidad Cubana: La Guerra de los Diez Años, 1868-1878. *Historia Social*, n. 2, p. 101-125, 1995.

\_\_\_\_\_. *Freedom's Mirror. Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014.

\_\_\_\_\_. *Insurgent Cuba: Race, Nation, and Revolution, 1868-1898*, North Carolina: University of North Carolina Press, 1999.

FLORENTINO, Manolo. Dos escravos, forros e fujões no Rio de Janeiro imperial. *Revista da USP - Dossiê Brasil Império*, n. 58, p. 104-115, jun.-ago. 2003.

FRAGINALS, M.M. *Cuba. Espanha. Cuba. Uma História Comum*. (trad. port., 1ª edição esp. 1995) Bauru: EDUSC, 2005.

FRANK. Zephyr L. *Dutra's World. Wealth and Family in Nineteenth-Century Rio de Janeiro*. Albuquerque: University of New Mexico, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª edição. São Paulo: Editora Global, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GARCÍA, Gloria. *La Esclavitud desde la Esclavitud*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1996.

GARCÍA-CARRANZA, A. SUÁREZ, Norma. QUESADA MORALES, Alberto. *Cronología Fernando Ortiz*. Havana: Fundación Fernando Ortiz, 1996.

GENOVESE, Eugene Roll. Jordan, Roll. *The World the Slaves Made*. New York: Vintage, 1974.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

\_\_\_\_\_. “Quilombos do Rio de Janeiro no século XIX”. REIS, J.J. GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 263-290.

GORENDER, J. *Escravidão Reabilitada*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio, “Cor, classes e status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960”. CHOR, Marcos. SANTOS, Ricardo (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Projeto UNESCO na Bahia*. Comunicação ao Colóquio Internacional “O projeto UNESCO no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois”, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, entre 12 e 14 de julho de 2004.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (primeira edição de 1936). 26ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

HUMBOLDT, A. *Ensayo Político sobre la Isla de Cuba*. (tradução de D.J. de V.Y.M). Paris: Librería de Lecointe, 1836.

KARASCH, Mary. *A vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

KLEIN, H. *Slavery in the Americas*. A comparative Study of Virginia and Cuba. Chicago: Elephant Paperbacks, 1989.

KNIGHT, F.W. *Slave Society in Cuba during the nineteenth century*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1970.

LARA, Silvia H. Campos de Violência. Escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos setecentistas: Escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

LIMA, C.A. *Artífices do Rio de Janeiro (1790-1808)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

LOPES DE BARROS, Rodrigo. Notas sobre Criminologia e Literatura em Cuba e no Brasil. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*, Curitiba, Brasil, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1082-1.pdf>>

MACHADO, Maria Helena P.T. *Crime e escravidão. Trabalho, Luta, Resistência nas lavouras paulistas 1830-1888*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

528

MAESTRI, Mário. *O Sobrado e o cativo. A arquitetura urbana erudita no Brasil escravista. O caso gaúcho*. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

MARRERO, Levi. *Cuba: economia y sociedad. Azúcar, ilustración y consciencia (1763-1868)*, vols. 9 e 10. Madrid: Editorial Playor, 1984.

MARTINEZ-ALIER, Verena. *Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century*. A study of racial attitudes and sexual values in a slave society. Michigan: The University of Michigan Press, 2001.

MATTOSO, Kátia. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. O livro é tradução do original francês de 1979.

MELLO E SOUZA, Antonio Cândido. *A Revolução de 1930 e a Cultura*. São Paulo: Cebrap, 1984, p. 24.

MENA, Luz Maria. *No Common Folk. Free Black and Race Relationships in the Early Modernization of Havana (s1830-s1840)*. Tese defendida na Universidade de Berkley, 2001.

MOREIRA, Carlos E.A. *O Duplo Cativo: escravidão urbana e o sistema prisional no Rio de Janeiro, 1790 – 1821*. Dissertação de Mestrado defendida na UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

NÚÑES JIMÉNEZ, Antonio. *Los Esclavos Negros*. Havana: Fundación de la Naturaleza y el Hombre, 1998.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1978.

\_\_\_\_\_. *Los negros brujos*. Editorial de Ciencias Sociales. Havana: 2007 (primeira edição de 1906).

\_\_\_\_\_. *Los Negros Curros*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986.

\_\_\_\_\_. *Hampa afro-cubana: Los Negros Esclavos*. Estudio sociológico y de derecho publico. Revista Bimestre Cubana, Havana, 1916.

\_\_\_\_\_. *Los Negros Esclavos*. Havana: Editorial de Ciências Sociales, 1987.

PAQUETTE, Robert L. *Sugar is Made with Blood*. The conspiracy of La Escalera and the conflict between Empires over Slavery in Cuba. Middletown: Wesleyan University Press, 1988.

PATTERSON, Orlando. The Study of Slavery. *Annual Review of Sociology*, n. 3, p. 407-449, 1977.

PÉREZ Jr. Louis A. In the Service of the Revolution: Two Decades of Cuban Historiography 1959-1979. *The Hispanic American Historical Review*, v. 60, n. 1, p. 79-89, fev. 1980.

\_\_\_\_\_. Twenty-Five Years of Cuban Historiography: Views from Abroad. *Cuban Studies*, nº 18, p. 87-101, 1988.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. (primeira edição de 1942). 24ª reimpressão São Paulo: Brasiliense, 1996.

REIS, J.J. SILVA E. *Negociação e Conflito*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil – A história do levante dos Malês em 1835*. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

ROSSATO, Jupiracy A. R. *Sob os Olhos da Lei: o escravo urbano na legislação municipal da cidade do Rio de Janeiro (1830-1838)*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

SANTOS, Ricardo (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Além da Senzala*. Arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: HUCITEC, 2010.

\_\_\_\_\_. *As Irmãs do Atlântico. Escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e Havana (1763-1844)*. São Paulo, Tese de Doutorado defendida na FFLCH-USP, 2012.

SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical. Império, Monarquia e a Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SCOTTR. *Slave Emancipation in Cuba: The Transition to Free Labour, 1860-1899*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *Degrees of Freedom: Cuba and Louisiana after Slavery*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SELA, Eneida M.M. *Modos de ser, Modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2008.

SHARPE, Jim. "A história vista de baixo". BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 39-62.

SILVA JÚNIOR, Waldomiro L. *A Escravidão e a Lei: gênese e conformação da tradição legal castelhana e portuguesa sobre a escravidão na América, séculos XVI-XVIII*. São Paulo, Dissertação de Mestrado apresentada em História Social na USP, 2009.

SILVA, Marilene R. N. *Negro na Rua. A nova Face da Escravidão*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco, Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SMITH, Robert F. Twentieth-Century Cuban Historiography. *The Hispanic American Historical Review*, v. 44, n. 1, p. 44-73, fev. 1964.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Zungú: rumor de muitas vozes*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Luiz Carlos *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX*. Revista Brasileira de História v. 16, São Paulo: Editora Marco Zero e ANPUH, 1988.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUSA, Jorge Prata (org.). *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

TANNENBAUM, Frank. *Slave and Citizen*. Boston: Beacon Press, 1991. (Primeira edição de 1946).

THOMPSON, E. *Costumes em Comum – estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Primeira edição de 1963).

VENEGAS FORNIAS, Carlos. *Cuba y sus pueblos. Censos y mapas de los siglos XVIII y XIX*. Havana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2002.

\_\_\_\_\_. *La urbanización de las murallas: dependecia y modernidad*. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1990.

VILLAVERDE, Cirilo. *Cecilia Valdés. Novela de Costumbres Cubanos*. Cidade do México, Editorial de Porrúa S.A., 1995 (1ª edição de 1839. Edição ampliada de 1882).

WADE, R. *Slavery in the Cities the South, 1820 – 1860*. Londres: Oxford University Press, 1964.

WALKER, D.E. *No more, No more*. Slavery and Cultural resistance in Havana and New Orleans. Minneapolis: University of Minnessota Press, 2004.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos Escravos, Vivências Ladinhas. Escravos e forros em São Paulo (1850 – 1880)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

ZEUSKE, Michael. Comparing or interlinking? Economic comparisons of early nineteenth-century slave systems in the Americas in historical perspective. In.: LAGO, E. dal & KATSARI, C. (ed.) *Slave System Ancient and Morden*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 148-184.